



“Que Não Se Esmaguem com Palavras as Entrelinhas” - Uma Abordagem do Passo dos Negros, em Pelotas: Movimentos, Cidade e Patrimônio

MATEUS FERNANDES DA SILVA¹; GUSTAVO FIORINI MARQUES²; AMANDA CHRISTIANINE BATISTA³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – mateusfernandesdasilva@live.com

² Universidade Federal de Pelotas – gustavo.fiorini_@outlook.com

³ Universidade Federal de Pelotas – amandach9b@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - louiseturismo@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto procura apresentar ações realizadas pelo projeto de extensão *Narrativa do Passo dos Negros: Um Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogas e Antropólogos em Formação*, vinculado ao Projeto de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, ambos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPEL.

O projeto de extensão teve início em 2014 e, ao longo do tempo, em ações com a comunidade levantou a demanda de diversos grupos quanto à preservação do complexo do Engenho Pedro Osório - composto pelo prédio do engenho, por parte da vila operária e pela Escola Visconde de Mauá; da Ponte dos Dois Arcos, construída por mão de obra escrava; das figueiras centenárias, do campo do Osório Futebol Clube e do Corredor das Tropas. Todos estes elementos foram elencados por diferentes grupos do Passo como materialidades que fazem parte da identidade desta comunidade repleta de memórias.

Cabe aqui ressaltar que a região do Passo dos Negros tem importância para a formação da cidade de Pelotas, pois a cidade se constituiu a partir dessa região estratégica de cursos d'água, elementos importantes para o cotidiano da indústria charqueadora e para o escoamento da produção do charque.

O Projeto vem sendo desenvolvido de forma multidisciplinar, dialogando intensamente com outras áreas do saber, em especial com projetos de extensão e pesquisa também desenvolvidos na UFPEL, como exemplos o projeto do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais – LEUR da Geografia sobre o bairro São Gonçalo, o Laboratório de Urbanismo (LabUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, além de parcerias com a Pró Reitoria de Extensão e Cultura, em projetos relacionados ao Fórum social e patrimônio.

Este trabalho tem como objetivo apresentar ações desenvolvidas pelo projeto voltadas para discutir com a comunidade de Pelotas a noção de direito à cidade, relacionando segregação, contexto histórico, especulação imobiliária e expansão demográfica dos condomínios que estão sendo construídos no Passo, com as principais características socioeconômicas dos diferentes grupos que habitam a região do Passo dos Negros. Objetivamos apresentar a Audiência pública realizada pelo Projeto em conjunto com a PREC, a comunidade do Passo dos Negros e o vereador Marcos Ferreira, bem como as ações de visibilização das histórias e memórias da comunidade por meio de exposição e mesa de discussões nas ações do Dia do Patrimônio. Consideramos que enquanto cientistas sociais e cidadãos, num Estado de direito, nosso papel é buscar alternativas junto à comunidade de mostrar outras formas de habitar a cidade e dar visibilidade às lutas e demandas de comunidades em processos de exclusão.

Para entendermos este complexo chamado de “direito à cidade”, cabe aqui citarmos AGIER (2015), que diz que “a cidade é feita essencialmente de



movimento.” Como exemplo dessa dinâmica urbana, o Passo tem se revelado no início de um processo transitório entre a marginalidade e a centralidade, entre o rural e o urbano, pensando sempre esses elementos em continuidade. Onde nos é evidente a negação do *direito à cidade* àqueles que compõem a comunidade, que estabelecem um vínculo de pertencimento com o espaço e seus elementos, mas que não se encaixam nos projetos, já desenhados, de modernização.

2. DESENVOLVIMENTO

Sob os processos que estruturam o espaço do Passo dos Negros, temos considerado a existência de diferentes grupos sociais, que divergem não apenas nos aspectos econômicos, como nas participações políticas e culturais. Para compreender a região, destacamos as discussões sobre a “modernização” da cidade que “esteve significativamente ligada aos processos de higienização, exclusão, afastamento, enclausuramento e marginalização da pobreza” (Corrêa, 1989). E as transformações das dinâmicas de segregação, crescente nas últimas décadas nas cidades, com a constituição de condomínios residenciais fechados e shoppings, espaços mais vigiados e seguros (Caldeira, 2000).

Acompanhamos algumas dessas dinâmicas de segregação no Passo, propulsionadas pelo avanço da indústria imobiliária, na forma de condomínios de alto padrão socioeconômico. Posicionado ao lado e, em parte, em cima do que denominamos Passo dos Negros, o condomínio *Lagos de São Gonçalo* vem se concretizando, em vias de expansão. Se, num primeiro enquadramento, era notável a função segregacionista de um muro verde, que separa universos de extremos opostos, em um segundo momento, ele se esconde nas sombras das mansões que o ultrapassam em tamanho e empoderamento.

Recentemente, outro empreendimento imobiliário tem ganhado destaque, não só no Passo, mas na cidade de Pelotas: o *Parque Una*. O projeto se consolida sob um discurso de modernização e “democratização” do espaço. “Um lugar que vai trazer para Pelotas os conceitos, inspirações e vivências do urbanismo global. O palco de uma vida mais moderna, segura, prática, leve e prazerosa.” (Parque Una 2017). Sob a idealização de um novo *estilo de vida*, em espaços falsamente abertos, o Una vem investindo massivamente em marketing, em eventos de importância, como sua participação na Fenadoce e ainda sob a forma de entretenimento com food trucks e música. Concomitante à consolidação e divulgação desse projeto, o grupo de pescadores da comunidade tiveram suas moradias problematizadas pelo Estado, sob justificativa ambiental. Com data marcada para remoção, tenciona-se um conflito entre essas famílias, juntamente aos demais moradores e os empreendimentos que ameaçam diretamente as particularidades de seus modos de vida.

A constituição dessa comunidade esteve diretamente ligada à exploração e aos fenômenos das más condições de habitação. Paralelamente, e consequentemente, a esse histórico, se alimenta um sentimento coletivo de pertencimento ao lugar, ameaçado pelos projetos atuais que pretendem removê-los dali, por interesses capitais. Segundo fala realizada pelo prof. Sidney do LEUR, durante o Dia do Patrimônio, o objetivo do empreendimento é de aproximar o centro, o Shopping e os órgãos administrativos da cidade da “nova comunidade”, além de incentivar o turismo e facilitar o acesso ao Laranjal, pois pretendem duplicar a Estrada do Passo dos Negros. Também existem informações que no engenho será realizado um empreendimento do setor hoteleiro com uma marina.



Durante a nossa exposição no Casarão 2, recebemos a visita da prefeita e questionamos sobre as soluções tomadas pela administração pública. Ela nos disse que quem fosse “pescador de verdade” ganharia um terreno próximo ao canal. Ao restante, é ofertado um terreno “nu” no bairro Getúlio Vargas, sem o mínimo de infraestrutura, ato este contrário ao Art. 6 do Plano Diretor que fala a respeito da política de ordenamento e desenvolvimento territorial do município e, mais especificamente, o princípio VII que “garante o direito à cidade, entendido como direito à terra urbanizada, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer.” Não há sociedade homogênea, portanto acreditamos que uma sociedade democrática se faz com os diálogos entre os diferentes grupos socioeconômicos, culturais, de diferentes etnias, onde o poder aquisitivo, ao menos, não interfira em seus direitos básicos, inclusos suas identidades e pertencimentos.

A comunidade tem cumprido com seu papel, se dispôs a dialogar e sujeitaram-se às análises como previsto no artigo 146 do Plano Diretor, porém a própria administração municipal vem agindo ilegalmente, não cumprindo com suas funções social e cultural. Questionamos também a ordem do MP em desocupar esta área, tendo em vista as outras dezenas de áreas ribeirinhas que estão ocupadas e as mais de 200 áreas urbanas com ocupações irregulares, em que residem mais de noventa mil pessoas, quase um terço da população total da cidade. Outro motivo importante é que as mansões que também estão situadas na Estrada do Engenho não constam no processo de autoria do MP.

3. RESULTADOS

As ações em conjunto com a comunidade resultaram, em 2017, em demandas diversas para a visibilização das lutas e memórias do Passo. Primeiramente, a audiência pública, que aconteceu em 04 de maio na plenária da câmara de vereadores, que contou com a presença de moradores que vivem ali, cujas histórias de vida estão enraizadas já por tanto tempo que não desejam mudar de residência; a participação de militantes de movimentos negros, professores e alunos do curso de antropologia, entre outros membros de diferentes frentes de luta e/ou pesquisa que reconhecem a importância social, política, histórica e cultural deste espaço. Também se fizeram presentes na audiência, sacerdotes das religiões de matriz africana que consideram o local sagrado para o seu culto, devido à importância histórica e religiosa desempenhada pelo Passo dos Negros e pelas figueiras centenárias, que ali constituem um elemento paisagístico sagrado, representando as árvores Baobás da África. Durante o evento, foi definido patrimônio, ressaltando que a materialidade não faz sentido sem a valorização das comunidades que possuem vínculos identitários com as referências culturais. A audiência pública resultou em reportagem de capa no Diário Popular, saiu em diversos sites e foi muito comentada nas redes sociais.

Também foram relevantes as ações voltadas a trazer as discussões e demandas do Passo para as comemorações do Dia do Patrimônio. As ações foram iniciadas com uma mesa de discussão denominada “*Do Lado de Cá da Ponte: Nossas Histórias sobre o Passo dos Negros*”. Participaram da mesa a coordenadora do projeto e as/os seguintes moradores: sr. Dirceu Moraes, sr. Alci Moraes, sr. José Camilo, sra. Marina Santos e o sr. Pedro. As falas foram voltadas para suas vivências, suas memórias, seus ascendentes e descendentes, sobre os mitos como o do negrinho do Engenho. Houveram também moradores



falando sobre sua preocupação com o conflito que está acontecendo ali: *“Lembro da minha infância, de ir pra frente do Osório tomar Coca-Cola e andar de cavalo com meu pai. Lembro das tropas que passavam na frente da minha casa, era um movimento grande. É triste ver o que está acontecendo com o Engenho”*. Toda a mesa redonda foi documentada em vídeo e divulgada nas mídias sociais com forma de ampliar o público e levar as discussões para outros grupos.

Entre 18 e 20 de agosto aconteceu a exposição *Margens: diferentes formas de habitar Pelotas* que apresentou cinco projetos de extensão sobre grupos diversos em processos de exclusão em Pelotas. O módulo do Passo dos Negros contou com um banner falando da história da localidade e demandas na atualidade, um grande mapa com imagens, fotos e recados em papéis deixados pelos visitantes, além do troféu e banner escolhidos pela comunidade. Também para o mesmo evento, a Secult organizou uma publicação para a qual escrevemos um artigo sobre o Passo dos Negros e a Ponte dos Dois Arcos foi retratada em um cartão postal. Ainda foi finalizado o dossiê de patrimonialização que será encaminhado ao IPHAN. Como a patrimonialização trata-se de um processo demorado, foi elaborado um documento para Ministério Público solicitando medida cautelar para a preservação das referências culturais citadas.

Também devemos ressaltar a participação em eventos acadêmicos como o “Velhos Acervos, Novos Atores” da museologia, apresentação de banner durante o Congresso nacional da SAB e o I Ciclo de oficinas de arqueologia da FURG. Além de uma dezena de apresentações inscritas no SIIEPE, já que em uma aproximação entre extensão e ensino, na disciplina Antropologia em Contexto de Conflitos, o Passo e suas demandas foram discutidos por diversos discentes.

4. AVALIAÇÃO

Tais ações têm sido fundamentais para a realização e participação em futuras atividades. O GEEUR está organizando um evento de mesas redondas previsto para novembro, onde estará presente o Passo dos Negros. Participaremos também da RAM / Argentina. Vamos acompanhar o processo de remoções, agendado para o dia 14/11. Como resultados apontamos o estreitamento nos laços com outros grupos de estudos que atuam na região, com a comunidade do Passo dos Negros e, até mesmo, com outros grupos e comunidades que estão em processo de exclusão. Os resultados obtidos, assim como novos dados e novas narrativas, têm contribuído para o projeto, para a reformulação de estratégias e novos rumos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana** [online]. 2015, vol.21, n.3, pp.483-498.
- PARQUE UNA. Disponível em: <<http://www.parqueunapelotas.com.br/site/parque-una/>>. Acesso em: 12/10/2017.
- III Plano Diretor de Pelotas. Prefeitura Municipal de Pelotas. Disponível em: <http://www.pelotas.com.br/politica_urbana_ambiental/planejamento_urbano/III_plano_diretor/lei_iii_plano_diretor/arquivos/lei_5502.pdf>. Acesso em: 10/10/2017.
- MENGUE, Angélica. Casarões do Centro Histórico apresentam os bairros de Pelotas. Acesso em: 10/10/2017.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 1995
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. Ed 34. Edusp, São Paulo, 2000.